

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (Anno X)



Anno III

Florianopolis, 15 de Novembro de 1919

Num. 13

Para as collaboradoras lerem

Estimada Fabiola.

Li, no sabbado, o teu bello artigo, e muito satisfeita fiquei ao saber que tambem tens acompanhado, com interesse, o desabrochar e crescer da *Alliança Feminina*, essa grandiosa obra de regeneração social.

Li tambem a conferencia de D. Amelia Rodrigues, e peço a Deus que suas bellas e sensatas palavras não sejam lançadas ao vento. Oxalá que as senhoras e senhoritas fluminenses se compenetrem da necessidade urgente de se alistarem na *Alliança*, para que suas irmãs dos outros Estados mais depressa se convençam de que, desunidas, pouco ou nada conseguirão, ao passó que a vontade da mulher brasileira será acatada e obedecida, si formarmos um batalhão aguerrido, disciplinado e numeroso!

Não é, porém, sobre a *Alliança Feminina*, que hoje venho falar, mas... sobre a tua idéa, de se comprometterem as collaboradoras da «P., A. e C.» a escreverem em determinados dias.

E' magnifica e utilissima a idéa!

Magnifica, porque assim nunca faltaria materia e diminuiriam os cuidados da directora; utilissima, porque as caras patricias collaboradoras se acostumariam a ser mais assiduas e a pensar mais vezes nas necessidades alheias, esquecendo-se a si proprias.

Pois que é o trabalho (embora insignificante, muitas vezes) feito com boa intenção, que é esse trabalho sinão um esforço de nossa vontade, uma victoria sobre o proprio eu?

Em vez de fazer um passeio ou ler um romance, em tal dia, pegai na penna e es-

crevei: o pequeno sacrificio vos attrahirá bençams, e o proximo vos bemdirá!

Compromettei-vos, portanto, collegas, a mandar, em determinados dias, algumas tiras para a «P., A. e C.», esse pequenino portavoz de Deus!

*

Para vos dar o exemplo, participo a Zenir Alca que mandarei materia para o «Diario da Filha de Maria», secção de que me encarreguei, nos segundos e nos quartos sabbados; outrosim lhe participo que, para dar o exemplo tambem da *humildade*, pois que desejo ser *verdadeira* Filha de Maria, pode ser minha collaboração *preterida*, sempre que *houver excesso de materia*.

A ti, Fabiola, um affectuoso abraço da
Mary.

Cartas singelas

Ignез querida

Singela, bem simples, é a cartinha de hoje; venho apenas com o intuito de combinarmos sobre o apparecimento de nossas cartas; lembrei-me que podiamos escrever, tu no 1.º sabbado, e eu no 3.º; acceitas? Dize que sim, Ignез! Sacode esse torpor e não me venhas com a lenga-lenga de que não tens *queda* e não sei que mais.

Querer é poder! A quanto não se arrojam os impios e inimigos da Egreja com o fim de arregimentar proselytos e arrastar assim tantas almas para a perdição?! Que não fazem elles! Fundam jornaes, escrevem, espalham leituras subversivas, gritam, esbravejam, propagando por toda a parte suas idéias impias e malsãs... E nós? Deixar-

nos-emos ficar ahí para um canto, a dizermos mui modestamente: «Ah! si eu pudesse! si eu soubesse escrever! si tivesse coragem de o fazer!... Mas... infelizmente, eu não sei.» Ora, ora; *querer é poder!* Agora mesmo a illustrada e bem feita AVE MARIA dá-nos a noticia de que uma tal Belen Sárraga, hespanhola com titulos de conferencista, arranjados não sei onde, fez no Assyrio (em S. Paulo), uma conferencia, propagando, já se vê, as suas ideias de *feminismo á moda do atheismo* com todo o seu cortejo de amor livre, e, principalmente, guerra á Egreja e aos Padres. Pois bem, crês que a tal *Nha Belen Ninguem*, vinda lá das extranjas, (note-se que não quero offender a catholica Hespanha, porque afinal... *cá e lá más fadas ha*) saiba manejar melhor do que tu ou qualquer uma de nós a maviosa lingua de Camões? E ella, esta sinhá-dona, saberá mesmo vir dar lições a nós, brasileiras? Anda, Ignez, colloca-te ao lado da *Nha Belen* e responde-me depressa, sinão...

Saudades ás amiguinhas de S. José e um abraço da tua
Fabiola.

ENTRE AMIGAS

Minha sempre lembrada Eunyce.

Escrevo-te aqui do sitio para onde nos mudámos o mez passado. — Imagina só uma mudança definitiva da villa para o sitio! Foi uma lufa-lufa nunca vista!

Eis ahí a razão porque deixei até hoje de responder e agradecer a tua querida cartinha que me veio evocar doces e saudosas recordações de ti, das amigas, de Florianopolis... Tive vontade de fazer uma loucura semelhante á de Dédalo e Icaro: transformar a «Penna» em azas... Resignada vivo aqui no sitio, aliás muito mais satisfeita do que na villa; basta-me a companhia do mar. O mar... é o meu confidente e amigo, com elle reparto as minhas tristezas; elle ouve-me compassivo, chora commigo, dá-me no murmúrio mysterioso de suas ondinas o conselho de velho experimentado.

*

Querida Eunyce, até aqui estava esta cartinha desde Março, sem nunca tel-a findado; só hoje, revolvendo a minha papellada, determinei reatar a nossa correspondencia. Eis-me pois de novo a agradecer tua segunda missiva, que provou mais uma vez a sinceridade de teu affecto, cousa tão rara hoje em dia, mesmo entre pessoas que se dizem muito amigas.

A minha vida aqui continua sempre monotona, triste, quasi vazia. Quando leio os jornaes da capital e as noticias particulares que me falam do movimento ahí... ah! tenho invejosa saudade! Si pudesse tambem, como vocês, tomar parte no corpo de catechistas, organizar festinhas, etc., etc.; si pudesse!... Mas aqui, sózinha, sem uma amiga, sem mesmo uma irmanzinha com quem repartir as minhas impressões... Nem mes-

mo posso alimentar esperanças de ir a Florianopolis, pois papae vive engolfado nos afazeres da agricultura e não tem ideia de deixar tão cedo os seus cafezaes.

Vou terminar. Espero anciosa a tua resposta que virá decerto trazer um balsamo piedoso ao coração de tua triste

Celina.

Outubro de 1919.

RESPONDENDO

Querida Heloisa.

E' com immenso prazer que tomo da penna para responder tua cartinha pelas columnas do nosso jornal, pois é provavel que não disponha de tempo, ainda esta semana, para fazer-te uma visita. Como já debes saber (porque foram logo tomadas providencias sobre a remessa da «Epoca»), a «P., A. e C.» ainda existe, mercê de Deus, mas não quer isto dizer que sua vida se deslize num mar de rosas, não! Agora é que vejo e comprehendo bem como são uns verdadeiros heroes aquelles que mantêm revistas ou jornaes catholicos!

E por que, Heloisa?

Porque os catholicos, ou, por outra, a maior parte dos catholicos, forçoso é confessar-lo, ajudam, com suas assignaturas, a manutenção de jornaes neutros ou abertamente offensivos ás suas crenças, deixando morrer á mingua os que elles deviam manter com enthusiasmo e dedicação!

E' triste!, pois não é?

Mas... que fazer com os surdos que não querem ouvir?

Desanimar e deixar o campo livre aos nossos adversarios?!

Não!, lá isso é que não, enquanto Deus nos a ajudar!...

A «Penna» vae, pois, humildemente, seguindo o seu destino.

Talvez muitos a achem modesta demais: ajudem-nos, que a enfeitaremos!

Outros dirão, quem sabe?, que não agrada a todos os paladares, e nós lhes daremos uma resposta facillima: somos catholicos, e os catholicos não servem a dois senhores!

E' bem possivel que uns não a apreciem por isso, outros por aquillo; o que te affirmo, porém, Heloisa, é que, si todas as catholicas o fossem devéras, saberiam devidamente apreciar-a, assignando-a e arranjando assignaturas, pois um titulo de gloria pelo menos ella tem: é o primeiro jornal de moças em Santa Catharina, e este primeiro jornal feminino é catholico!

E é por isso mesmo, Heloisa, que elle ainda existe com tão poucos recursos!, pois os que trabalham para si, que não para Deus, querem ver logo recompensados seus esforços; não o conseguindo, lá se vae quanto Martha fiou!...

Parece-me, aqui muito em segredo t'ò digo, que as collaboradoras se activam e se põem a postos!

Si assim for, uma garantia de progresso teremos, vindo as outras, assim espero, quando Deus for servido dar-nos o grande prazer de ver realizado o nosso ideal, que é tornar-a um jornal illustrado.

Catholicas, ajudai-nos, que só lucrareis com isso! E o unico auxilio que vos pedimos agora é que — arranjeis mais assignaturas.

Perdõa, Heloisa, que tinha esquecido estar conversando contigo!

Então, querida, continuas doente?... Ah! quanto sinto não poder ao menos semanalmente visitar-te!...

Quanto ao mais, conversaremos qualquer dia, porém... uma cousa te peço, Heloisa: nunca mais digas que não fazes falta, que isso me offende, bem o sabes!

E' preciso deixar espaço para minhas collegas, portanto aqui fico, por hoje.

Adeus! Até breve!

Zenir Alcêa.

P. S.— O premio de Nize está já há muito tempo á sua disposição em casa do director da «E'poca», conforme foi publicado na «Penna».

A mesma.

DOMINIOS DA ESPHINGE

(9.^o torneio charadistico)

Outubro, Novembro e Dezembro

Tres premios ás vencedoras

43—46) NOVISSIMAS

Com este instrumento aqui matei o animal — 1,1.

Tudo entreguei na roda do instrumento — 1,1,1.

Não presta, mas temos a fructa — 1,1.

E' assucar que está no doce, homem! — 2,1.

Julia.

—«O»—

47—49) SYNCOPADAS.

3—Esta arvore foi plantada por meu patrão — 2.

3—Soffreu um grande vexame esta menina — 2.

3—Cuidado! não é boa a fructa — 2.

I. A.

—«O»—

RECEITAS

Bala para a tosse.

Limpam-se bem 500 grammas de gomma arabica, desmancham-se em banho-Maria na mesma quantidade d'agua, coam-se por panno fino e juntam-se-lhes 500 gr. de assucar, fazendo um xarope bem grosso. Acrescentam-se pouco a pouco 7 claras, mexendo a massa ao fogo brando, até ficar bem consistente.

Estende-se então a massa sobre o mar-more, sobre o qual foram peneirados assucar e polvilho em partes iguaes. Depois de esfriar, corta-se em pedacinhos.

Põe-se na agua 50 gr. de agua de flor de laranja.

Crema de morangos.

Desmancham-se dois litros de morangos em 250 grammas de assucar, com uma colher de pau; põe-se numa panella ao lume, deixando-se ferver um pouco e mexendo sempre. Tira-se do fogo. Misturam-se oito gemmas com uma garrafa de leite, juntando em seguida os morangos; depois de tudo bem misturado, passa-se por uma peneira fina. Cozinha-se este crema em cremeiras, em banho-Maria, no forno.

—«O»—

As Ortiguera

COMEDIA EM 1 ACTO.

Traduzida do hespanhol por Edésia Aducci.

Personagens:

D. Maria,
Carmen, sua filha,
Ignacia, creada,
Genoveva,
Lucia,
Joanna.

Sala modesta. Móveis convenientes. Porta no fundo e lateraes.

SCENA I.

Carmen — Com certeza disseram muitos, naquelle dia, que a Sra. foi vestida de periquito!... Pois bem; este vestido... dos gloriosos tempos do general Espartero, já está impossivel. Cada anno soffre uma transformação, e, á força de tantos soffrimentos, está a morrer de consumpção. Não o endireite mais, mamãe, que não vale a pena!

D. Maria — Quem anda sempre com elle ás voltas és tu mesmo; cada dia e pões de um feitio, para fazer de conta que estreias diariamente um vestido.

Carmen — Mas agora este vestido está morto, mais que morto!

D. Maria — Então podemos resuscital-o!

Carmen — Não!, pois devemos crer na resurreição só da carne! Os vestidos não resuscitam!

D. Maria — Quem sabe lá si não resurgirão com a carne?

Carmen — Não e não! Este vestido está impossivel, já disse!

D. Maria — Mais impossivel está outra cousa!

Carmen — Comprar outro, não é?

D. Maria — Pagar esse, filha; acaso pensas que já está pago?

Carmen — Justo céo! Casar-se de vestido fiado!

D. Maria — Foi teu pai que quiz por força que eu levasse um vestido riquissimo!

Carmen — (olhando para si, e com voz zombeteira) Riquissimo!...

D. Maria — Sim, senhora!, riquíssimo para uma noiva daquelles bons tempos.

Carmen — Mas por que não o pagou ainda? Parece mentira que em tanto tempo não tenha tido occasião de pagar um vestido!

D. Maria — Sim, eu queria pagal-o, mas a modista, cada vez que me encontrava, dizia: «Não se incommode por isso!» E assim... ainda o não paguei.

Carmen — Mas por que?

D. Maria — Por isso... Porque não quiz incommodar-me; pois si ella m'o dizia...

Carmen — Que vergonha! Não sahirei mais á rua! Que dirão de nós, si o souberem?!

D. Maria — Ora, sua tontinha!, pois si foi em Castroggeriz... Aqui ninguem nos conhece!

Carmen — Felizmente, e nada perdem com isso!

D. Maria — Carmen!, não injuries a viuva do heroico tenente Ortiguera! Tu não sabes como morreu teu pai, porque, si o souberesses...

Carmen — Sei, mamãe; a Sra. já m'o disse mais de mil vezes!

D. Maria — Não, senhora, não o sabes. Si soubesses como foi heroica sua morte, tu não te importarias que nos conhecessem. Era uma tarde frigidissima...

Carmen — (interrompendo-a) Mas, mamãe, eu já o sei de cór e salteado! (Senta-se).

D. Maria — Qual o quê! Tu não o sabes!... Teu pai se oppoz tenazmente ás disposições do conselho de guerra, que tinha disposto atacar o inimigo pela frente, ao passo que teu pai queria que se atacasse pelo flanco direito. Não ouviram, porém, seus conselhos, e por isso cahiu sobre os pobrezinhos tal chuva de balas, que foi uma calamidade! Uma dellas alcançou teu pai, que, ao sentir-se ferido de morte, exclamou, olhando para o céu, aquellas palavras que para sempre guardará a Historia: Caramba, como foi burro o meu general! E cahiu redondamente por terra. (Limpa os olhos) Não sei por que me fazes repetir estas palavras, que tanto me commovem!

Carmen — Mas, mamãe, não foi a Sra. então que quiz repetir, por gosto?

D. Maria — (com voz chorosa) Pobrezinho!

Carmen — Está-se passando a hora da missa, mamãe!

Ignacia — (de dentro) Senhora?

D. Maria — Venha cá!

D. Maria — Tens razão. Vou dar ordens á creada. Ignacia!

1) ANCILLA DOMINI

Margarida

Era loira menina de 12 annos; ao vê-la, o mais incredulo e aferrado materialista tinha uma impressão celestial: inspirava pensamentos de lirial pureza a pequena Margarida. Era uma dessas almas angelicas que N. Sr. empresta á terra afim de consolar a misera humanidade de ter cahido em tanto lodo.

Seu pae, alma ardente e amavel, amava-a com o calor de um affecto unico.

Luiz Saraiva, pae de Margarida, era joven ainda; em menino perdera o pae, fôra educado por mãe extremosa, christan verdadeira, e Luiz era o retrato de sua mãe. Aos 22 annos, cheio de illusões, candido e puro, prendera o coração inexperiente aos encantos de D. Laura, tão bella e rica quão secca e gelida. Bem previra a mãe de Luiz que havia sido infeliz a escolha do joven; tentou dissuadi-lo desse casamento, mas quem poderá jamais esclarecer uma alma de 20 annos, apaixonada e cega em seu amor?

Casou-se Luiz; bem cedo, porém, soffreu cruel decepção: Laura não lhe comprehendia as nobres aspirações.

Tudo quanto era bello, elevado, puro e grande enchia de ideal a alma do esposo, enquanto a consorte sonhava joias, festas e bailes... Possuindo avantajada fortuna, queria Luiz melhorar a sorte dos empregados de sua fazenda, abrindo na proxima povoação collegios, hospitaes, dando a uns trabalho, a outros auxilios pecuniarios, a todos conselhos e bondoso trato. De nada disso queria ouvir falar Laura: «Que? enterrar-me aos 20 annos na roça, e com a fortuna, que possuo? loucura!»

O marido desistiu, cedeu; em vez de lograr a vista dos beneficios que fazia, praticava-os de longe. Esperava elle que a maternidade despertasse aquelle coração de gelo.

Nasceu a pequena Margarida. Afim de não ser privada de espectaculos e saráus, não a quiz amamentar a joven mãe. Dedicava algum affecto á criança, mas era um amor tepido, incapaz de sacrificios. Luiz, então, poz-se a amar por dois o anjinho que Deus lhe dera. No naufragio completo de suas illusões juvenis, nas repetidas decepções que lhe causava o desaffecto da esposa, o moço soube procurar consolo onde é unicamente encontrado sempre: em Jesus; mais fervoroso se tornou depois de infeliz, e esse convivio com Jesus o alentava, dava-lhe coragem e forças para cumprir seu dever sem discrepancia. Considerava supplicio a que se resignava por complacencia, acompanhar a mulher aos theatros, recepções e bailes, quando elle só aspirava á quietude dum lar ameno, com a intelligente companhia de esposa amada...

(Continúa)